

TECENDO OPINIÕES: o discurso do trabalho entre ciganos e não ciganos

Weaving opinions: the discourse of work between gypsies and non-gypsies

José Aclecio Dantas

Pedagogo, assistente social, especialista em Educação em Direitos Humanos, especialista em Coordenação Pedagógica e Gestão Escolar, e mestre em Serviço social. Universidade Federal da Paraíba.

RESUMO. O presente artigo é parte de uma pesquisa bibliográfica de Mestrado em Serviço Social, sobre grupos ciganos e sua perspectiva de trabalho formal, concluída em 2017, e que foi motivada pelos resultados de dois anos de pesquisa de campo entre ciganos do Estado da Paraíba. Desta forma, partimos da observação de um conjunto de fatores condicionantes e determinantes do declínio profissional imposto pelos não ciganos aos ciganos, o que moldou forçosamente seus hábitos de trabalho. Para chegarmos aos resultados dessa observação, nossa metodologia consistiu no cruzamento de diversas narrativas e metanarrativas expostas em diversos textos e trabalhos etnográficos de vários pesquisadores do Brasil, Portugal e Espanha. Portanto, nossa análise teve como finalidade contribuir para o debate acerca da formação de um discurso de trabalho que privilegie a etnicidade dos ciganos Calon do Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Trabalho. Ciganos Calon. Discurso. Emprego.

ABSTRACT. This article is part of a bibliographical research of Master's in Social Work, about gypsy groups and their perspective of formal work, completed in 2017. This study was motivated by the results of two years of field research among gypsies in the State of Paraíba. We start from the observation of a set of conditioning factors and determinants of the professional decline imposed by the non-gypsies to the gypsies, which forcibly shaped their work habits. To arrive at the results of this observation, our methodology consisted in the crossing of several narratives and metanarratives exposed in several ethnographic works of several researchers from Brazil, Portugal and Spain. Therefore, our analysis aimed to contribute to the debate about the formation of a discourse of work that privileges the ethnicity of the gypsies Calon of Brazil.

KEYWORDS: Work. Gypsies Calon. Discourse. Employment.

INTRODUÇÃO

Este artigo resultou de uma pesquisa bibliográfica de Mestrado em Serviço Social, concluída em 2017, sobre grupos ciganos e sua perspectiva do trabalho formal. Uma

investigação que foi motivada pelos resultados de dois anos de pesquisa de campo entre ciganos do Estado da Paraíba.

Mesmo não sendo o resultado direto de uma pesquisa empírica, por se tratar de uma pesquisa bibliográfica, este trabalho surgiu da observação de um considerável conjunto de discursos sobre o *trabalho* que estava inserido em diversas pesquisas etnográficas que, em sua grande maioria, não tinham esta categoria como objeto de pesquisa e, talvez por isso, muitas vezes não recebeu um tratamento analítico cabível.

Curiosamente, algumas das narrativas sobre o trabalho, por parte dos ciganos e dos não ciganos, nos relatos etnográficos consultados, surgiram quando o enredo das conversas giravam em torno de questões sobre nomadismo, identidade, cultura, família, hábitos, lazer e educação, mas também quando os temas eram o preconceito, a violência, a vida presente e o “tempo de atrás” (GOLDFARB, 2004)¹.

O exercício de comparação entre todos os discursos aqui apresentados, tal como as associações realizadas entre as narrativas, metanarrativas e vida prática, teve o intuito de tentar captar em quais momentos alguns desses discursos imbricaram entre si e com a realidade da vida econômica contemporânea, dentro das esferas produtivas do modo de produção capitalista e seu trabalho formal. Por isso, este trabalho discorre sobre a relação entre etnicidade cigana e o trabalho no capitalismo.

Desta forma, tentamos mostrar o que há de equivocado em alguns discursos dos não ciganos e o que pode haver de similar nos discursos de alguns ciganos, de diferentes etnias e em diferentes espaços. Assim, nossa metodologia consistiu no cruzamento de diversas narrativas e metanarrativas expostas em vários trabalhos etnográficos de alguns pesquisadores do Brasil, Portugal e Espanha.

Nossa chave de análise é uma interseção entre cultura, identidade étnica e economia, tendo como finalidade contribuir para o debate acerca da formação de um discurso do trabalho que privilegie a etnicidade dos ciganos Calon do Brasil, desmistificando a relação dos ciganos com o trabalho e contrariando os estereótipos negativos que colocam os ciganos como avessos ao trabalho.

¹ Termo percebido pela Dr.^a Maria Patricia Goldfarb em sua pesquisa entre os ciganos de Sousa/PB na qual os ciganos sempre se referiam ao passado como “o tempo de atrás”.

Deste modo, as considerações aqui encontradas procuram instigar pesquisadores e pesquisas que se preocupam em encontrar algumas respostas sociais às questões do emprego, da renda, do trabalho e dos meios de produção da vida material dos diversos grupos étnicos ciganos no Brasil.

SÍNTESE HISTÓRICA DOS CIGANOS DO BRASIL

Ciganos são grupos étnicos² que transitaram por diversos países, cidades, vilarejos, clãs, povoados, tribos. Perpassaram todos os modos de produção material, seja ele escravista, feudal, socialista ou capitalista, dado que, provavelmente, iniciaram os processos de emigração a partir do século XI (VAUX DE FOLETIER, 1984, p. 6).

Os ciganos foram submetidos a vários processos de opressão ao longo de sua história. Processos que se caracterizam por diversos matizes como: a opressão econômica, quando eram proibidos de exercer os seus ofícios em um determinado território, ou tinham seus bens e produtos confiscados; a opressão racial, como as estratégias de extermínio em massa do holocausto; a de limpeza social, como o degredo e a “Lei dos pobres”³; a de combate a vadiagem (pobreza ociosa), como as *Workhouses*⁴ e as escolas de aprendizes; e de apagamento cultural, como a proibição do uso da língua e da buendicha⁵.

Essa mobilidade entre estruturas, sistemas e domínios permitiu aos grupos ciganos transitar entre culturas diferentes das suas e observar muitos hábitos morais, estilos linguísticos e costumes sociais distintos, muitos dos quais senhoriais, patriarcais e paternalistas.

2 Grupo étnico é aquele definido como uma forma de organização social em populações cujos membros se identificam e são identificados como tais pelos outros (BARTH, 1969). Desta forma, a identidade dos grupos étnicos se expressa a partir das interações que este mantém com outros grupos distintos, demarcando as diferenças e estabelecendo os limites de cada grupo, estando por isso, sempre em construção.

3 As *Poor Laws* inglesas procuravam regular a pobreza, a “vagabundagem”, o ócio e a preguiça, por meio da assistência e do trabalho forçado (BRESCIANI, 1985).

4 As *Workhouses* eram casas inglesas de trabalho forçado (MARX, 2013, p. 438), destinadas aos pobres, vagabundos, vadios e ociosos (BRESCIANI, 1985).

5 Leitura de mãos, forma de prever o futuro praticada em grande maioria pelas mulheres ciganas.

Espalhados por todo o mundo, mas principalmente no território europeu, os ciganos estão divididos e subdivididos em diversos grupos étnicos (GARCÍA; ADROHER; BLANCO, 1996), dos quais os principais grupos são os ciganos Rom, os Calon e os Sinti.

Os vínculos dos diversos grupos ciganos no Brasil com as questões do trabalho local iniciaram-se durante os processos de imigração que se deram em dois importantes eventos políticos ocorridos nos séculos XVI e XIX, ou seja, a política de degredo de Portugal e a política brasileira de importação de mão de obra estrangeira, respectivamente.

Sofrendo os influxos diretos das estratégias de expansão do capital nos moldes da reedição de formas pré-capitalistas⁶ de exploração, expropriação e expansão do domínio, os “Calon”⁷, em sua maioria, aportaram no Brasil na segunda metade do século XVI através da política de degredo, que trazia um aglomerado de povos considerados “indesejados” pelos portugueses à então colônia, atendendo assim aos interesses do empreendimento colonial de Portugal (GOLDFARB, 2013).

Os “Rom” chegaram ao Brasil a partir do final do século XIX, exatamente no período de formação da força de trabalho proletarizada industrial brasileira, e em um contexto no qual se rotulava a figura nacional do negro como “vadio”, optando-se pelos estrangeiros ou ex-escravos que passaram pela escola do trabalho⁸ (KOWARICK, 1994, p. 13). Período esse – pós libertação arquitetada dos escravos e início do processo de industrialização do capitalismo periférico – contrastante com a fase imperialista do

6 A escravidão foi a forma pré-capitalista de produção adotada pelo empreendimento colonial português para explorar e dominar as novas terras “descobertas”. O capitalismo colonial não descendeu da dissolução dos séculos feudais, nem teve o trabalho livre como pré-condição de sua formação, mas articulou escravidão e formas produtivas do capitalismo maduro (PRADO JUNIOR, 2006).

7 Aplicamos aqui a *Convenção para a grafia dos nomes tribais* (1954), aprovada na 1ª Reunião Brasileira de Antropologia, em 1953, que diz: “Os nomes tribais [...] não terão flexão portuguesa de número ou gênero, quer no uso substantival, quer no adjetival” (ABA, 1954, p. 152). Escreve-se, por exemplo: os Rom, os Calon, os Sinti, os Kalderash etc.

8 Para os homens livres ou libertos “[...] trabalhar para alguém significava a forma mais aviltada de existência” (KOWARICK, 1994, p. 12). Por isso, evitavam esse trabalho e não estavam aptos ao trabalho sistematizado exigido pelo capitalismo industrial. As fábricas exigiam uma força de trabalho disciplinada e adaptada ao ritmo fabril, do qual apenas o próprio trabalho era a escola que formava essas competências básicas.

capitalismo central, com a urbanização acelerada dos espaços sociais e a dinamização dos espaços metropolitanos.

Desta forma, ambos os grupos iniciaram sua história social nas terras brasileiras através da existência relativa de vínculos estreitos entre os motivos de sua chegada e o desenvolvimento das forças produtivas locais, quer dizer, com o trabalho em cada momento histórico.

Atualmente, estima-se que existam no mundo entre 12 a 15 milhões de ciganos (GASPARET, 1999, p. 21)⁹ nos países da Europa, América, Ásia e Oceania¹⁰, dos quais a Europa parece ser o continente com a maior quantidade de ciganos e pessoas itinerantes (PELLEGRINI, 2015).

No Brasil, a maior concentração de ciganos é da etnia Calon, originários da península ibérica, que é formada principalmente por Portugal e Espanha, além dos pequenos Gibraltar e Andorra e uma pequena fração do território da França. Os Estados brasileiros que têm uma maior representação de grupos ciganos são: Bahia, Goiás, Minas Gerais, Rio Grande do Norte, Maranhão e Paraíba (BRASIL, 2016). Porém, é no Estado da Paraíba que existe uma das maiores comunidades¹¹ de ciganos Calon sedentarizados (GASPAR, 2012)¹², alocados em um único bairro, no município de Sousa/PB.

ALGUNS OFÍCIOS HISTÓRICOS DOS CIGANOS

O desenvolvimento da história da humanidade se compõe de tal maneira com as formas históricas da produção material de sua subsistência¹³ que é quase impossível

9 De acordo com o documento da Secretaria Especial dos Direitos Humanos (2007, p. 15) existem de 8 a 12 milhões de ciganos dispersos pela Europa. Baseada em registros de revistas ciganas internacionais, Pereira (2009, p. 93) menciona a existência de 17 milhões de ciganos no mundo inteiro.

10 Disponível em: <https://unionromani.org/pueblo_es.htm>.

11 De acordo com Pereira (2009, p. 45), as “[...] duas comunidades mais importantes localizam-se no bairro do Catumbí (RJ) e nas cidades de Tatuí (interior de São Paulo) e São Paulo”.

12 Segundo os relatórios de informações sociais do programa “Bolsa família” existem na cidade de Sousa 379 famílias inscritas no Cadastro Único. Disponível em: <<https://aplicacoes.mds.gov.br/sagi/RIV3/geral/index.php?file=entrada&relatorio=153#>>.

13 Algumas correntes filosóficas como o materialismo histórico defendem que o trabalho é a categoria fundante do ser social. Pois, segundo Lessa (2012, p. 26), o trabalho “[...] é a atividade de transformação da natureza pela qual o homem constrói, concomitantemente, a si próprio como indivíduo e a totalidade social da qual é partícipe. É a categoria decisiva da autoconstrução humana [...]”.

mencionar uma sem se fazer referência, por menor que seja, a outra. Por isso, as questões que envolvem o trabalho, o labor, os meios de subsistência material e as formas de produzi-los são importantes para se compreender a própria formação social humana.

Mesmo que a história humana também possa ser entendida por outras dimensões não materiais, enfatizamos a grande importância que o trabalho teve para a subsistência dos diversos grupos sociais durante a história da humanidade, seja pela caça, pesca, coleta ou transformação da natureza para a satisfação das necessidades materiais mais emergentes, em cada tempo histórico (ENGELS, 1977). Pois, mesmo que mulheres e homens possam se abster de um trabalho específico, eles não podem abrir mão da busca por algum alimento, dado que é uma necessidade natural. E essa busca pelos meios de sua subsistência enseja a objetivação de alguma forma de trabalho.

Com os ciganos não é diferente. No entanto, é preciso considerar a íntima relação, em cada período histórico, entre os meios de produção de sua subsistência material, as diversas conjunturas políticas e sociais e as fronteiras interétnicas em constante mobilidade na interação com culturas distintas da sua. Nessa íntima relação é possível aprender muito sobre alguns de seus hábitos culturais mais específicos, principalmente em relação às questões do trabalho.

Por exemplo, entre os séculos XI¹⁴ e XX, os ciganos procuraram exercer determinadas atividades especializadas¹⁵ de trabalho que fossem mais compatíveis com o constante deslocamento de seus grupos. E isto porque, durante muito tempo, sua subsistência econômica e sua reprodução social se estruturavam no expediente do nomadismo (MOONEN, 2013; GASPARET, 1999). Essas atividades precisavam responder às necessidades mais emergentes das situações positivas ou negativas que surgiam, bem como precisavam permitir a mobilidade, porque os ciganos nômades não sabiam por quanto tempo poderiam ficar assentados em determinadas localidades.

Um dado muito importante nessa relação entre as determinadas atividades especializadas de trabalho, o ofício e os ciganos, que desmistifica a relação destes com o

14 Data provável do início das migrações de grupos ciganos da Índia (VAUX DE FOLETIER, 1984, p. 7).

15 No sentido de uma produção individualizada, personalizada e especial. Não confundir com a especialização da divisão sociotécnica do trabalho, que se desenvolveu no capitalismo e que consiste na subdivisão de uma tarefa geral em várias outras tarefas menores.

trabalho, contrariando os estereótipos negativos que colocam os ciganos como avessos a toda atividade laboral, é a utilização de etnônimos em sua subdivisão étnica, de modo a representar seu fazer profissional, ou seja, seus ofícios ou atividades especializadas.

Sendo assim, vários grupos étnicos ciganos utilizam etnônimos do tipo ergonímico¹⁶, o que significa que o próprio nome do clã denota o trabalho como parte representativa de sua identidade, representando a forma hegemônica de seu trabalho.

Em termos gerais, os ciganos exerciam vários ofícios que, por sua desenvoltura, garantiam-lhes a subsistência e os permitiam adentrar, mesmo que esporadicamente, na vida econômica das cidades. E, apesar da grande variedade de atividades artesanais, o comércio era o fim último do produto obtido por suas atividades de trabalho.

Assim, tinham destaque nas atividades ligadas ao artesanato com metais os subgrupos dos ciganos Rom, tais como: os *Calderash*, ciganos caldeireiros; os *Aurari*, ciganos ourives; os *Kovatsa*, ciganos ferreiros de utensílios domésticos; os *Bugurdzje*, ciganos ferreiros que trabalhavam especificamente com brocas. Existiam também aqueles que trabalhavam artesanalmente a madeira, como os *Lingurari*, ciganos entalhadores de colheres; os *Balanara* ou *Balajara*, ciganos fabricantes de cochos em madeira; e os *Tsurara*, ciganos fabricantes de peneira (SILVA SANCHEZ, 2006). Outra subcategoria era daqueles que trabalhavam artesanalmente os materiais de cestarias, como os *Sepecides*, que eram ciganos cesteiros (TOMKA, 1984)¹⁷.

Entre aqueles que se dedicavam ao comércio em geral, além dos *Lovara*, ciganos cuidadores e comerciantes de cavalos, encontramos muitos outros grupos que vão se adequando ao comércio de diversos tipos de artigos produzidos, seja nas manufaturas e pequenas indústrias ou mesmo com mercadorias fabricadas pelas grandes indústrias.

Entre os subgrupos ciganos que trabalham com entretenimento, diversão, apresentações artísticas ou circenses, temos: os *Ursari*, ciganos adestradores de ursos; os *Lautari*, ciganos violinistas, que viviam de apresentações artísticas, tocando seus

16 O etnônimo do tipo ergonímico funciona como um adjetivo que liga o nome do grupo à área da vida laboral exercida por ele. É um adjetivo que representa não só aquilo que o sujeito produz, mas que vincula essa produção a seu próprio modo de ser. É uma denominação que traz origem na profissão tradicionalmente exercida (HOUAISS, 2001).

17 Os textos de Tomka (1984), Silva Sanchez (2006) e Pereira (2009), descrevem, alternadamente, grande parte das etnias ciganas e os ofícios exercidos.

violinos; e os *Bashavno*, ciganos músicos, que se apresentavam publicamente cantando ou tocando algum instrumento.

Tudo isso não significa que determinados ofícios estavam restritos apenas aos grupos citados, mas que, tradicionalmente, alguns grupos se dedicavam mais a determinadas atividades – que eram transmitidas de geração a geração – do que outros grupos, que diversificavam um pouco mais as atividades de trabalho e subsistência.

O DISCURSO DO TRABALHO ENTRE CIGANOS: ATRAVESSANDO HISTÓRIAS E TERRITÓRIOS.

Já observamos que os ciganos mantêm, nos dias atuais, muito desse conjunto tradicional de ofícios que os ligam a estratégias de subsistência através do comércio, do negócio ou da produção artesanal, incluindo, naqueles primeiros, os ciganos que trabalham com o entretenimento. Muitos ciganos também estão inseridos, ainda que em proporções menores, no trabalho formal de diversos âmbitos da indústria, serviços públicos e da vida social (DANTAS, 2017). Mesmo considerando a importância da análise da inserção dos grupos ciganos nas diversas esferas da vida produtiva, este trabalho se concentra nos discursos expostos e como eles se imbricam.

Por isso, falta-nos ainda enumerar alguns discursos sobre as formas idealizadas, aceitas ou rejeitadas de trabalho, que foram influenciadas historicamente por um longo período de promulgação de leis anticiganas¹⁸, por um conjunto de literatura tendenciosa¹⁹, por uma mídia com posição classista bem definida²⁰ e uma produção científica conservadora e estereotipante²¹.

18 Por exemplo, as Leis de 1526, 1538 e 1557, no reinado de D. João, em Portugal, pelas quais os ciganos foram banidos e tiveram o acesso negado ao reino (FRASER, 1992). Em seu livro *The Gypsies* (1992), Angus Fraser descreve várias leis anticiganas dos países europeus. Para Romani (1984, p. 31) a Alemanha editou, entre 1551 e 1774, 133 legislações anticiganas. Ver também Moonen (2011) e Martinez (1989).

19 Por exemplo: o poema épico burlesco do monge beneditino Teófilo Folengo, de 1517 (FRASER, 1992); a *Farsa das Ciganas* (1521), escrito por Gil Vicente em Portugal (FRASER, 1992); as “novelas exemplares”, *La Gitanilla* (1613), de Miguel de Cervantes (TEIXEIRA, 2008); ou o romance de Manuel Antônio de Almeida, *Memórias de um sargento de milícias*, de 1854 (ALMEIDA, 2011).

20 Durante o século XX, grande parte das notícias divulgadas em jornais e revistas ilustravam negativamente o estilo de vida dos ciganos. Para mais detalhes ver Borges (2007).

21 Por exemplo: a obra de Mello Moraes Filho, *Os Ciganos no Brasil* (1886), que apesar de ser um dos marcos da produção científica sobre os ciganos do Brasil, reproduz um conjunto de termos pejorativos.

O conjunto desses fatos históricos contribuiu para a formação da maioria dos estigmas sociais dos ciganos, negativando, constantemente, sua imagem a partir de um senso comum socialmente estratificado que, por sua vez, conseguiu estender algumas de suas concepções aos próprios sujeitos estigmatizados. Ou seja, o poder do discurso é tão grande que muitas vezes os próprios ciganos podem ter absorvido e ressignificado determinados estereótipos.

Esse poder que o discurso tem sobre a formação dos estereótipos atribuídos aos ciganos, principalmente sobre as questões do trabalho, é bem antigo, pois há quem afirme desde 1915 que, em relação aos ciganos: “[...] o hobby de lucrar sem trabalho é, sem dúvida, a sua paixão favorita” (PABANÓ, 1915, p. 54).

De uma forma ou de outra, alguns ciganos assimilaram determinados discursos excludentes, sectários e estereotipantes dos não ciganos, reproduzindo-os, e até encontrando justificativas para tais.

Alguns relatos feitos pelos próprios ciganos, muitas vezes, refletem certa ambiguidade quanto aos significados e representações que o trabalho tem para eles. E isso já começa a ser observado na própria estrutura dos discursos que relatam a origem histórica dos grupos ciganos. Na fala do cigano Juan González, Calon, sedentário e motorista de táxi no Rio de Janeiro, descrita em Pereira (2009, p. 21), por exemplo, vemos a seguinte afirmação: “Cigano não tem que ficar trabalhando dia e noite, igual a gadjo²², porque somos descendentes de Adão e uma outra mulher, antes de Eva. Não temos nada a ver com essa história de pecado original”. O que se entende neste discurso é que as condições de trabalho aceitas pelos não ciganos não precisam ser, propriamente, as mesmas condições de trabalho toleradas pelos ciganos.

Os ciganos, que por esse discurso seriam filhos de Lilith (DANTAS, 2017, p. 34), não precisam se submeter, portanto, aos imperativos do castigo do pecado original, do trabalho exaustivo e da maldição do trabalho que o capitalismo posteriormente positivou.

O trabalho extensivo, e por isso exaustivo, obste do homem o tempo livre que poderia ser dedicado às atividades de lazer, entretenimento, solidariedade familiar etc. E,

22 Termo que representa os “não ciganos” para diversas etnias ciganas. De acordo com o grupo étnico outros termos podem ser encontrados: gajon, juron ou gadjê.

conscientes disso ou não, os ciganos representados pelo discurso do cigano Juan González distinguem muito bem o que é essencial para a vida deles.

O trabalho na sociedade capitalista é um trabalho estranho²³, alienado e desgastante. Pois assim como a força de trabalho do ser humano não é autorrenovável, ela se desgasta no mesmo ritmo em que é explorada pelo capitalista²⁴, o que explica, segundo o discurso de Marx (2004, p. 83), que:

O trabalhador só se sente, por conseguinte e em primeiro lugar, junto a si [quando] fora do trabalho e fora de si [quando] no trabalho. [...] O seu trabalho não é portanto voluntário, mas forçado, trabalho obrigatório. Sua estranheza (*Fremáheit*) evidencia-se aqui [de forma] tão pura que, tão logo inexista coerção física ou outra qualquer, foge-se do trabalho como de uma peste.

Devemos lembrar que, transitando em torno das sociedades industriais durante séculos (FRASER, 1992; PEREIRA, 2009), os ciganos puderam observar um amontoado de homens entregando 12, 13, 14 e até 16 horas diárias de suas vidas às jornadas de trabalho, havendo casos em que as jornadas eram superiores a isso. Até crianças se matavam nos diversos trabalhos fabris, 10 a 12 horas por dia (ENGELS, 1975). Neste sentido, o discurso de Juan González exprime certa consciência a respeito do fenômeno da exploração do trabalho. Algo que Marx já denunciava em seu tempo, conforme o excerto supracitado.

Um discurso que pode corroborar com a ideia de que alguns ciganos valorizam as atividades de lazer, entretenimento e solidariedade familiar é o encontrado na fala de uma cigana da cidade de Sousa, no sertão paraibano, quando menciona o período em que sua família ainda era nômade: “[...] nós viaja muito pra fazer negócio. [...] Mas o povo lá de casa é bom de fazer dinheiro. Conseguia sempre arrecadar dinheiro pra nós passar tempo sem precisar viajar (Dn^a Ilma)” (MEDEIROS, 2016)²⁵. Não se pode pressupor deste discurso uma “negação” do trabalho, mas apenas uma valorização do tempo livre, que é utilizado para a vida familiar ou comunitária.

23 O trabalho é estranho porque o trabalhador não se reconhece mais no produto produzido por ele, porque o resultado de sua atividade laboral é apropriado por outro, tornando-se, assim, alienado (MARX, 2013).

24 De acordo com Marx (2013, p. 391) existe uma “limitação física da força de trabalho”.

25 Neste artigo, a pesquisadora procurou concentrar o olhar nas diversas percepções que uma cigana da cidade de Sousa, na Paraíba, teve sobre a transição vivida, por seu grupo, entre o período nômade e o sedentarismo naquele território.

Por outro lado, observamos um discurso diferente, e que não compartilha da mesma linha de opinião do cigano Juan González, presente na posição de uma cigana da Cidade Alta, em Limoeiro do Norte/CE, que Silva (2010, p. 47)²⁶ transcreve da seguinte forma:

Os filhos estuda. Tem outros, que já tá formado. Tem formados a professor. Tem outros, trabalhando em hospital, enfermeiro. Então, a vida de cigano mudou muito depois que começou a morar. Não quer mais saber dessa vida de cigano. Eu quero é ser respeitada. Nós somos sere humano. Apenas temos o carma de ser cigano. Nós somos sere humano. Nossos filhos estuda, trabalha. A gente que ser respeitado. Assim, como os outros são. Que ser uma pessoa normal, como os morador são (Jucileide Alves Pereira, cigana, jul/04).

Nesta narrativa observamos uma valoração importante de alguns fatos que motivaram determinadas posições quanto às questões do emprego formal entre os ciganos do Brasil: os processos de sedentarização, que contribuíram para demarcar novas fronteiras interétnicas ou flexibilizar algumas preexistentes. De acordo com Barth (1969), as fronteiras étnicas são produzidas e reproduzidas pelos atores no decorrer das interações sociais. Assim, os processos de sedentarização dos ciganos permitiram a intensificação das interações sociais com as comunidades locais e a mobilidade entre ambas fronteiras culturais.

O discurso da cigana Jucileide passa pelo desejo de ser “igual” e “normal”, o que para ela significa se inserir em alguns padrões e ritmos do estilo de vida “gajon”, juron ou gadjê, o que inclui a relação entre a formação escolar e o trabalho formal.

No texto de Silva (2010, p. 68), encontramos ainda alguns ciganos mais velhos, da mesma localidade, engrandecerem o período do nomadismo, como a seguinte declaração evidencia: “[...] era uma vida boa. Só de negócio. Meu pai vivia de negócio. Meu pai conseguia as coisa e criei meu fi pra viver assim” (cigana Zuleide Alves).

Essa memória do passado, do “tempo de atrás”, reativa lembranças do seu tempo de trabalho, que se associava a seu tempo livre como uma unidade na diversidade. A despeito de todas as adversidades, para essa cigana o “tempo de atrás” era um tempo

26 Nesta pesquisa o autor procurou compreender como os componentes de uma família da Cidade Alta, em Limoeiro do Norte, no Ceará, mantêm o sentimento de pertencimento étnico diante de um contexto de constante interação com a população local.

relativamente próspero porque permitia que eles exercessem as atividades do trabalho, nas quais o hábito e a tradição tinham proporcionado grande destreza.

O tempo de agora é um tempo de novas capacidades técnicas, de novos saberes, de novas habilidades. Logo, uma vida distante de uma educação escolar é, muitas vezes, um fosso difícil de se transpor, pois “[...] a vida na indústria exige um aprendizado geral, um processo de adaptação psicofísica a determinadas condições de trabalho, de nutrição, de habitação, de costumes etc., que não é algo inato, ‘natural’, mas exige ser adquirido [...]” (GRAMSCI, 2001, p. 69).

A cigana Hortênsia, da cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul²⁷, traz em sua fala um discurso que poderia ser entendido como uma das causas emergentes para o aumento da carga de trabalho de alguns ciganos. Para ela, os ciganos:

[...] tão se ocupando mais, trabalhando mais. Estão se preocupando mais em ter as coisas. Antigamente tudo era mais fácil e hoje em dia tá complicando mais a vida. Então antes era mais rico em tudo, saúde, dinheiro, em tudo era melhor de trabalhar pra ter antigamente (PERIPOLLI, 2013, p. 140).

O estilo de vida sedentário dos não ciganos, adequado aos imperativos capitalistas da lei geral de acumulação²⁸ e da sensibilidade consumidora²⁹ é responsável pela criação de um conjunto de necessidades efêmeras e por muitos atrativos materiais que não só aproximam as duas fronteiras culturais como impõe o *ethos* do trabalho formal a muitos ciganos de diversos grupos.

27 Este discurso foi extraído de uma dissertação de mestrado que estudou o cotidiano das famílias ciganas daquela cidade e os motivos que os levaram à escolha dessa localidade. O foco da pesquisa teve uma perspectiva de gênero: a mulher cigana dentro de seu universo familiar.

28 A lei geral de acumulação capitalista é um movimento constante e expansivo do capitalismo observado por Marx, que pode ser resumido em: quanto maior a riqueza, maior tem de ser a pobreza, “[...] acumulação de riqueza num polo é, ao mesmo tempo, acumulação de miséria, de trabalho atormentante, de escravatura, ignorância, brutalização e degradação moral, no polo oposto, constituído pela classe cujo produto vira capital” (MARX, 2013, p. 877).

29 A “sensibilidade consumidora” foi um termo cunhado por José Paulo Netto para determinar as condições reais do culto à mercadoria e ao consumo na sociedade do século XX. Ele afirma: “Embora à sociedade burguesa contemporânea não caiba legitimamente a identificação como uma “sociedade de consumo”, a cultura que nela hoje se afirma é uma *cultura de consumo*: ela cria a ‘sensibilidade consumidora’ que se abre à devoração indiscriminada e equalizadora de bens materiais e ideais – e, nela, a própria distinção entre realidade e representações é esfumada: promove-se uma *semiologização do real*, em que os significantes se autonomizam em face dos referentes materiais e, no limite, se entificam (NETTO, 2012, p. 419-420).

Os valores que são atribuídos aos bens materiais pelos ciganos podem se diferenciar muito entre os nômades, seminômades e sedentários, estando esses últimos mais próximos dos objetos de desejo material, bens de consumo e de luxo construídos pelos interesses capitalistas, motivados pelas novas relações de propriedade privada de bens imóveis.

Desta forma, o sedentarismo pode aditar novos valores a bens de consumo que anteriormente não eram considerados necessários ao estilo nômade de vida, como os móveis, eletrodomésticos, reformas prediais e objetos de decoração. Assim, o aumento dessa necessidade consumidora entre os ciganos, reforçado pelos processos de sedentarização, pode realmente ser um dos motivos mais potenciais para o aumento da carga de trabalho formal ou informal entre os ciganos. Salientando que, o aumento dessa necessidade consumidora não é somente um capricho do consumismo, mas pode ser justificada, também, pelo fato da vida sedentária custar mais caro.

O “tempo de atrás” pode realmente parecer mais próspero para alguns ciganos, ainda que o trabalho se apresentasse quantitativamente menos necessário dadas as baixas exigências materiais da vida nômade, o que permitia aos ciganos o trabalho sazonal³⁰ ou intermitente³¹. Em suma, por ser o custo de vida menor, menor seria a carga de trabalho, e qualquer trabalho mais intenso representaria apenas uma eventual acumulação extra de recursos.

Na fala do cigano Kalderash, seminômade, caldeireiro e comerciante, Bôri Martinez, das cidades de Goiânia e Trindade, no estado de Goiás, citado também por Pereira (2009, p. 21), encontramos a seguinte narrativa: “[...] viemos da terra dos faraós para quem trabalhávamos fazendo joias, porque naquela época só os ciganos sabiam trabalhar com o ouro. Por isso, também nos chamam de faraonos [...]”.

Se o recurso histórico do discurso nesta fala pode parecer romântico ou fantástico, o seu conteúdo prático ilustra uma verdade histórica: durante muito tempo, e em muitas regiões, os ciganos eram especialistas da indústria artesanal (PABANÓ, 1915, p. 63;

30 Um trabalho temporário ou por temporadas.

31 O termo intermitente significa alguma coisa em que ocorrem interrupções; que cessa e recomeça por intervalos; intervalado, descontínuo (HOUAISS, 2001). O trabalho intermitente é aquele que não acontece por uma jornada regular de trabalho.

PEREIRA, 2009, p. 105), produzindo artigos úteis, escassos e bem pagos. Chegou-se a certo tempo em que essa maestria³² era um status social consideravelmente benquisto, pois “[...] durante centenas de anos fomos artesãos, muito respeitados em todo o mundo” (RAMANUSH, 2012, p. 7). O que se confirma pelo fato que, entre os séculos XV e XVI, segundo Ian Hancock (apud FAZITO, 2000, p. 95), “[...] a virtual ausência de uma classe trabalhadora especializada em fundição e manufatura de armas de fogo tornou bem-vinda a presença de alguns poucos ciganos [...]”.

É certo que a condição nômade dos ciganos artesãos, mestres em sua arte, dava margem para os embates com os mestres sedentários, que não queriam perder os clientes em seu próprio território.

Voltando às narrativas dos ciganos de Limoeiro do Norte, no estado do Ceará, expostos em Silva (2010, p. 86), podemos distinguir certa ambiguidade, ou mesmo uma dualidade de sentidos, que se mesclam, mas que muitas vezes fazem com que os próprios autores do discurso não consigam definir perfeitamente as linhas que demarcam os limites entre o “trabalho” e o “emprego”. Até porque, todo emprego³³ é uma forma de trabalho³⁴, mas nem toda forma de trabalho é um emprego. No depoimento da cigana Maria da Conceição, coletado por Silva (2010, p. 86), sobre uma das ciganas mais idosas do grupo, encontramos que:

Ela teve uma visão de futuro muito grande. Porque eu nunca vi uma visão como a da Zeiná. Teve muita visão de futuro. Porque ela ser cigana, ela se inclina pra coisa, de que não era de cigano. Porque ele botou os filhos. Ela botou os filhos pra morar. Ela veio morar. No que ela veio morar, ela botou os filhos pra trabalhar. Ela botou os outros filhos, mais velhos, pra trabalhar, né. Quer dizer que aí ela já deu um futuro a eles, né. Hoje é um operador de máquina. E o outro é Diomedes. E o Diomedes não trabalha mais porque é doente, né. Ele é, trabalha de carpintaria, carpinteiro, né. Diomedes é carpintaria. E é também carregador de firma, né. Encarregado de firma. Aí então ela foi quem, através dela foi que aconteceu isso tudinho.

32 Durante grande parte do período manufatureiro na nascente do capitalismo, novas formas de produzir se coadunavam com formas produtivas dos sistemas anteriores, sendo o mestre artesão (aquele que dominava todos os processos de produção de um objeto) considerado um trabalhador indispensável e bem pago. Situação que mudou drasticamente com a inserção forçada e altamente numerosa de aprendizes e da mudança dos critérios legais para se tornar um mestre, dando margem inclusive para a corrupção entre eles (PERNOUD, 1969).

33 Entendido este como uma atividade produtiva, remunerada e formal que opera no mercado de trabalho, como trabalho assalariado, devidamente cercada por todos os direitos legais do trabalho e de proteção contra os riscos deste (SANDRONI, 1999, p. 203).

34 No sentido marxiano de dispêndio de força física e transformação da natureza, para a satisfação das necessidades naturais do homem (MARX, 2013, p. 326).

Apesar de não ser mais apto ao trabalho na indústria, como seu irmão mais velho, o cigano Diomedes exercia uma atividade laboral que estava diretamente vinculada aos ofícios artesanais tradicionais dos ciganos, enquanto seu irmão mais velho exercia uma função mais alinhada com os empregos fabris, ou seja, um operador de máquinas. Para a cigana Maria da Conceição “morar”, em oposição ao “andar”, e “trabalhar”, no sentido de um emprego formal, foi algo positivo para a família da cigana Zeiná, mesmo que tenha sido uma inclinação para o estilo de vida dos não ciganos.

Então, pautando-se em suas observações, Melo (2005, p. 49) afirma que o discurso do “não trabalho” proferido por alguns ciganos se refere especificamente ao trabalho sob jugo de outra pessoa, principalmente se este não for cigano. Apesar dessa ligeira preferência pelo trabalho não alienado, isso não quer dizer que eles não se submetam ao trabalho formal, como os exemplos aqui apresentados, que subsidiam nossa análise. Isso apenas indica uma inclinação que é considerada quando há a oportunidade de escolha.

Da mesma forma que alguns não ciganos, quando há opção de escolha, optam em não trabalhar em serviços pesados, preferindo sempre os serviços de escritórios, departamentos, controle e burocráticos, ou mesmo evitam ou rejeitam qualquer trabalho nas áreas hospitalares por sua ojeriza a sangue.

A noção de trabalho para muitos ciganos passa pela ideia do trabalho coletivizado, aquele que favorecesse uma dependência recíproca ou orgânica do grupo, e isso é um dado muito importante: a solidariedade endógena. Para Silva Sanchez (2006, p. 57): “Os ciganos são seres coletivos, só sabem viver em grupos. [...] É o grupo que formata os tipos e os caracteres coletivos e comuns para que os indivíduos se manifestem de modo particular”.

Nessa ideia de trabalho coletivizado, sem desqualificar as diferenças individuais, o clã e o grupo de pertença são as principais referências para a maioria dos ciganos. Desta forma, ao se optar por um determinado trabalho, os fatores que positivam o convívio familiar ou comunitário, que sejam benéficos para o grupo como um todo, poderão ser levados em consideração, antes mesmo dos interesses econômicos nele envolvidos.

Neste sentido, Gasparet (1999, p. 32) relata a fala da cigana Rosa Rash, que afirma: “[...] os ganhos obtidos pelos diferentes membros são divididos em partes iguais, independente do trabalho realizado por parte de cada um”. Mesmo que esse discurso expresse uma maneira de ser própria de um específico grupo, os ciganos têm uma unidade familiar que não é muito comum entre os não ciganos.

Essa solidariedade que se canaliza para dentro do próprio grupo, por isso endógena, favorece a formação de canais de compartilhamento das diversas situações cotidianas, sejam elas negativas ou positivas. Talvez, por isso, “[...] a maioria dos ciganos, tradicionalmente, sempre preferiu trabalhar por conta própria” (MOONEN, 2013, p. 68), visto que, o emprego formal com jornada fixa, e muitas vezes estendida, não permitiria o tempo livre necessário para o exercício dessa solidariedade. Esses fatores nos permitem compreender melhor o discurso do cigano Juan González, que não tinha que ficar trabalhando dia e noite, igual a gadjo, e o discurso da cigana Dn^a Ilma que não precisava viajar a trabalho quando conseguia dinheiro suficiente para o sustento do grupo.

No entanto, tal predileção não se deu ao acaso, é histórica-social, nasceu no bojo de todos os processos de discriminação, etnocídio, expulsões, tratamentos desumanos, entre tantos outros sofridos pelos ciganos e cometidos por não ciganos. De acordo com Dantas (2017), o que parece ser uma opção quando os grupos ciganos exercem “preferencialmente” o comércio, o artesanato ou o trabalho por conta própria, seria de fato o resultado mais direto de um declive profissional que foi imposto aos ciganos durante um longo período, que associou leis anticiganas, políticas raciais segregadoras, conjunturas políticas e econômicas desfavoráveis. Por fim, e principalmente, resultado também de uma tríade de revoluções industriais que culminaram na obsolescência ou extinção de determinados ofícios, profissões e técnicas na divisão sociotécnica do trabalho gestada por essas revoluções.

Em diversas narrativas de alguns textos pesquisados (SILVA, 2010; GOLDFARB, 2013; PEREIRA, 2009; BAREICHA, 2013) observamos que os discursos de alguns ciganos frequentemente enalteciam as condições favoráveis de um negócio ou comércio, como observado na fala do cigano Calon Ranulfo Cunha, de Cuiabá³⁵:

35 A dissertação de Silva Júnior (2009) abordou os mitos e ritos do próprio grupo que o autor fazia parte, trazendo uma cosmologia na qual o meio ambiente ocupa um papel fundamental na construção da

Eu fui um cigano muito civilizado, meu filho. Eu tinha sempre terra. Sempre tive muita tropa, gado, fui vendedor de tourinho de vaca, de cavalo de burro, tudo tropa. Então, eu chegava numa fazenda ai ó, fazia negócio, ali fazia negócio com o fazendeiro, trocava burro, cavalo, animal. Comprava. Sempre com a goiaca cheia de dinheiro. Minha goiaca era tufada de dinheiro (SILVA JÚNIOR, 2009, p. 238).

Mas essa propensa inclinação positiva ao comércio e seus efeitos benéficos para a subsistência dos grupos ciganos não é uma condição que prioriza unicamente este tipo de atividade laboral. O próprio trabalho formal, em alguns grupos de ciganos espalhados pelo Brasil, parece ter constituído novos espaços que foram bem assimilados entre eles. Este é o caso dos Calon do bairro do Catumbi, no Rio de Janeiro, onde os ciganos se especializaram como oficiais de justiça (MELLO; SOUZA, 2006) antes da exigência legal de concurso para inserção no funcionalismo público de qualquer esfera, ocorrida apenas com a promulgação da Constituição Federal de 1988³⁶.

Destacando agora o caso dos ciganos Calon da Espanha, essa propensa inclinação positiva ao comércio e seus efeitos benéficos à subsistência dos grupos ciganos de lá parece estar associada ao desequilíbrio existente entre as condições de tal atividade laboral e aquelas ofertadas pelo trabalho formal. Por conta disso, o sociólogo José Cabanes Hernández e as trabalhadoras sociais Luz Vera García e María Isabel Bertomeu Martínez (HERNÁNDEZ; GARCÍA; MARTÍNEZ, 1996, p. 92) afirmam que: “[...] os ciganos, como diz Teresa San Román, preferem ficar à margem, ocupando, portanto, empregos ‘marginais’, quando o que a sociedade lhes oferece é menor do que o que recebem com esse tipo de ocupação”.

Neste discurso, antes de ser uma imposição, o trabalho em ocupações informais – principalmente na coleta de reciclados e atividades artísticas, sem descartar o comércio ambulante – é apresentada como uma opção voluntária alternativa frente aos baixos rendimentos oferecidos pelas vagas disponíveis ou ofertadas no trabalho formal.

Todavia, essa disponibilidade de trabalhos subcategorizados e subempregos tem reverberações bem mais amplas que podem incluir, inclusive, o “orgulho” cigano,

identidade coletiva. O texto trabalhou com o universo dos sentidos e sentimentos. O cigano Ranulfo é o avô do autor e comenta sobre a representatividade dos dentes de ouro nos ciganos.

36 Mais especificamente, por meio do inciso II do Artigo 37º. Apesar de Mello et al. (2009, p. 89) esclarecerem que “[...] ainda hoje alguns oficiais podem ser nomeados ad hoc”, não existem relatos (MELLO; SOUZA, 2006; MELLO et al., 2009) de ciganos exercendo essa função atualmente.

estimulando sentimentos negativos não propriamente em relação ao “trabalho”, mas sim às condições “inumanas” deste. É o que se percebe entre os ciganos Calon do estado de São Paulo, conforme o relato de Ferrari (2011, p.731-732):

Um rapaz brasileiro adotado por uma calin quando era criança trabalhou como lixeiro durante um período, mas foi “tirado” pelos pais desse emprego: “Ele não precisa sofrer, tem família, tem pai, mãe, não precisa trabalhar”. A ação dos pais de “extrair” o filho da “vida gadje” – encorajando-o a abandonar o “trabalho” e oferecendo-lhe um modo de vida alternativo – é significativo de como os Calon pensam a “produção da pessoa”. O modo de ser gadje deve ser evitado, enquanto a “calonidade” deve ser produzida cotidianamente entre parentes [...].

Preferimos acreditar que o ato de oferecer aos ciganos empregos formais subcategorizados, precarizados e de maus rendimentos lhes impõe outras alternativas também disponíveis: o trabalho informal e o trabalho por conta própria. Tanto o trabalho informal quanto o trabalho por conta própria podem se caracterizar por condições bem mais precarizadas que o trabalho formal, principalmente porque não contam com a cobertura dos direitos trabalhistas e previdenciários. No entanto, tais formas de trabalho permitem uma maior flexibilidade nas questões de espaço e tempo, uma vez que não se vinculam a uma jornada de trabalho fixa; da mesma maneira que pode auferir ao trabalhador, em muitos casos, um ganho maior do que o trabalho formal.

Outra opção para os maus rendimentos oferecidos nos empregos formais é a jornada dupla de trabalho em ramos diferentes como forma complementar de renda, numa associação entre trabalho formal e informal – como observado, por exemplo, entre os Calon de Sousa na Paraíba.

Todos os irmãos de D. Ilda são empregados na prefeitura da cidade e mais especificadamente na área de saúde pública, (como auxiliar de enfermagem, secretário, agente de saúde), mas também tem os que são comerciantes e um que, além de trabalhar na área de saúde, investe no ramo da construção civil. [...] os irmãos e boa parte de outros parentes de Dona Ilda complementam a renda através de “negócios”, atividade que parece se constituir da venda e troca de objetos, de automóveis e empréstimo de dinheiro. Ressaltando, que essa atividade é algo restrito ao universo masculino, as mulheres que não trabalham (como faxineira, lavadeira, agente de saúde, secretária, recepcionista), se dedicam integralmente nos cuidados da casa e dos filhos (MEDEIROS, 2016, p. 20).

Vale salientar que muitas ofertas de subempregos ou até mesmo a negação dessas oportunidades aos ciganos pode se vincular menos aos requisitos de qualificação do que por preconceitos raciais³⁷. Segundo o subsecretário do Conselho Pontifício para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes, D. Novatus Rugambwa (apud MELO, 2008, p. 59), a sociedade contemporânea “[...] ainda está cheia de preconceitos que marginalizam muitos jovens e adultos que não encontram trabalho, ainda que tenham formação profissional, por serem ciganos”.

Desta forma, muitos parâmetros de seleção utilizados pelos empregadores no momento da oferta das vagas muitas vezes não estão alinhados com os requisitos técnicos necessários ao exercício do próprio trabalho. Como relatou Moonen (2011, p. 151): “[...] parece ser não tanto a falta de vontade dos ciganos de empregar-se, mas a má vontade dos gadjé de empregar ciganos”.

Isso porque, na maioria das vezes que oportunidades dignas de trabalho foram oferecidas, muitos ciganos souberam aproveitar tais oportunidades. É o que nos indica o exemplo já referido dos ciganos do bairro do Catumbi, no Rio de Janeiro, especializados como oficiais de justiça (MELLO; SOUZA, 2006, p. 29). Ou ainda, dos ciganos graduados, mestres e até doutores no Brasil (PEREIRA, 2009, p. 93)³⁸, formados na academia em diversas áreas³⁹, alguns se beneficiando, inclusive, de políticas públicas de cotas⁴⁰ e bolsas de estudos.

O DISCURSO DO TRABALHO DOS CIGANOS ENTRE OS NÃO CIGANOS

A segunda parte dos discursos observados nos diversos textos e etnografias pesquisadas diz respeito ao que os não ciganos pensam ou interpretam ser as opiniões, comportamentos e valores morais atribuídos pelos ciganos às questões de trabalho,

37 Encontramos em Siqueira (2012, p. 62-64) alguns exemplos ocorridos na cidade de Sousa, na Paraíba, de ciganos que perderam o emprego ou uma vaga de trabalho por serem ciganos.

38 Como observado na reportagem intitulada *Os ciganos modernos* (RABELO, 2008), da revista Istoé.

39 O próprio autor e doutorando, Aluizio de Azevedo Silva Júnior, que referenciamos nesse trabalho, é um exemplo disso.

40 Pelo menos até o ano de 2018, não existiam cotas específicas para ciganos nas universidades públicas, embora alguns ciganos possam se encaixar nas cotas de baixa renda e de educação em escolas públicas. A partir de 2019, a Uneb (Universidade do Estado da Bahia), disponibilizará cotas exclusivamente para minorias sociais como os ciganos (REDAÇÃO, 2018).

emprego e renda. No conjunto desses discursos dos não ciganos, incluem-se até mesmo as narrativas e opiniões descritas por alguns dos próprios pesquisadores e “ciganólogos” responsáveis pelas pesquisas empíricas levantadas neste trabalho. Referindo-se aos ciganos de Sousa, na Paraíba: “[Os sousenses acham] que são pessoas vagabundas, não querem trabalhar, só pensam em pedir, não sabe o que é responsabilidade, mas eles têm que saber trabalhar para sobreviver, mas eles não gostam e não têm coragem” (MOONEN, 2013, p. 127)⁴¹.

Todo discurso é circundado por um conjunto amplo de interesses, vontades, desejos e pretensões que, conscientes ou não, validam ou negam as opiniões mais comuns, inclusive dos próprios narradores. De acordo com o pesquisador Moonen (2011b, p. 19)⁴², entre os ciganos:

Aparentemente não falta vontade de trabalhar. Inúmeras vezes homens pediram para falar com a pessoa X ou Y para "arrumar um emprego". Ao indagar sobre "que tipo de emprego?", a resposta, quase invariavelmente era, "qualquer um, mas vê se ele não precisa de um vigilante".

O termo “aparentemente” deixa implícita a indicação da existência de algum interesse ou motivo que supera o desinteresse pelo trabalho, o qual o autor deixa claro em seu texto: o vínculo deste trabalho (vigilante) com o uso de arma de fogo pode ligar, erroneamente, a totalidade dos ciganos a outras atividades não tão lícitas (pistoleiros, capangas etc.), exercidas por alguns poucos ciganos de determinadas regiões do Brasil.

Talvez, o que historicamente se esquece é que a pistolagem, os grupos de extermínio, o cangaço (MELLO, 2004) e a “capangagem” tenham sido, durante muito tempo, fortes recursos de transgressão da legalidade social, exercidos exatamente pelos

41 Relato de uma jovem de uma turma de ensino médio pesquisada pelo autor em 1993 (MOONEN, 2013, p.125). Foram entrevistados 52 estudantes de uma escola pública, no centro da cidade de Sousa, na qual não estudavam ciganos.

42 Neste texto o autor faz uma comparação entre os dados de sua pesquisa realizada em 1993, com os dados de um censo realizado por ele mesmo em 2000, acrescidos de alguns dados de 2011. Na ocasião do censo, o autor pagou dois jovens ciganos da localidade para realizarem as entrevistas. Segundo o autor, o censo foi um fracasso (MOONEN, 2011b, p. 3), porque os ciganos contratados conseguiram dados de apenas 25 famílias de dois ranchos e não pisaram no terceiro rancho.

não ciganos e dos quais alguns poucos ciganos, dadas as suas relações sociais mais emergentes, tenham participado.

Um dado interessante sobre os ciganos de Sousa/PB, coletado por Moonen (2011b, p. 26) em um levantamento realizado entre dois dos três ranchos existentes naquela localidade, foi que:

No Censo 2000 o item: “Cite duas atividades que sabe e gostaria de exercer”, recebeu as seguintes respostas: jogador de futebol (5), trocar e vender (3), motorista (2), pintor (2), vigia (2), servente, fotógrafo, marceneiro, cantor, músico (1). Mas nada menos do que 10 dos 25 homens/pais de família recenseados nada declararam. Descontando-se os dois idosos aposentados, sobram pelo menos 8 homens perfeitamente aptos a trabalhar, mas aparentemente incapazes ou sem vontade de exercer qualquer atividade econômica, incluindo-se neles os dois jovens pais que vivem exclusivamente da aposentadoria dos seus filhos.

A falta de cuidado no tratamento das informações muitas vezes transita em sentido contrário àquilo que é proposto inicialmente por um pesquisador. Por isso, muitas das produções científicas entre ciganólogos “bem-intencionados”, acabam corroborando com a reprodução dos estereótipos, como observado no trecho acima, quando o autor expressa que 10 entre 25 ciganos aptos ao trabalho daquela localidade, supostamente, não tinham vontade de exercer qualquer atividade econômica. Isso porque, a omissão de respostas, por parte dos entrevistados, não caracteriza automaticamente a ausência de vontade de trabalhar, mas pode representar, apenas, uma *desvontade* momentânea de responder. Outra possibilidade é que os entrevistadores contratados não tenham realizado essa pergunta para esses entrevistados.

Os próprios discursos podem apresentar contradições, como relatado por Moonen (2011b, p. 14), pois os mesmos ciganos Calon para quem a vontade de trabalhar se apresentava como algo “aparente” agora, tinham saudades dos trabalhos não comerciais que realizavam no passado:

Nem sempre viveram exclusivamente das atividades comerciais. Também lembram, com saudade, os “bons tempos” em Pau dos Ferros (RN), onde residiram vários anos na Fazenda Califórnia [...]. Nesta fazenda construíram açudes e barragens, mas informam ter trabalhado também em atividades agrícolas: plantio e colheita de arroz, feijão, milho e outros produtos.

É interessante notar a associação feita nessa narrativa entre “bons tempos”, trabalho e sazonalidade, validando a ideia de que o trabalho intermitente era, durante o nomadismo, um expediente que agregava a necessidade do trabalho e a necessidade do tempo livre para as questões familiares e sociais dos grupos ciganos.

Dado que o trabalho agrícola geralmente segue um calendário e um espaço de tempo determinado, o período entressafras, portanto, significa tanto uma temporada de desemprego para a maioria dos trabalhadores, que precisam procurar outras ocupações, como um período disponível para a resolução das pendências pessoais, familiares e comunitárias.

Na perspectiva de alguns não ciganos da população de Limoeiro do Norte, no Ceará, a aversão ao trabalho por parte dos ciganos Calon ganha uma indicação de gênero, pois a desvontade de trabalhar é apresentada como uma característica dos homens ciganos, haja vista o grande número de mulheres ciganas daquela localidade que “vão às ruas” exercer o “corte do baralho”, enquanto os homens viviam de pequenas trocas (SILVA, 2010, p. 30).

Aí na forma de se comportar é um pouquinho mais diferente porque eles num dão muito valor pra estudar né? E trabalhar. Também num dão muito valor a trabalhar. Os homens geralmente é muito difícil deles trabalhar né? Geralmente, elas batalham mais pra sobreviver né (Moradora da comunidade que não quis ser identificada, jul/09). (SILVA, 2010, p. 58).

A falta de interesse pelo trabalho por parte dos homens ciganos recebe um valor moral atribuído pela moradora não cigana da comunidade, que vincula negativamente comportamento diferenciado e estratégias de subsistência, demarcando a fronteira entre o estilo de vida ideal e o real. Isso quer dizer que o estilo de vida ideal, que faz viver, é o do trabalho, enquanto o estilo de vida real, antagônico ao primeiro, só permite a sobrevivência.

Para falar de um contexto distinto daqueles que falamos até então, provou-se, através de pesquisas realizadas entre os ciganos de Portugal, que a grande maioria das famílias ciganas Calon daquela localidade: “[...] valoriza um possível emprego independentemente dos papéis de gênero, contrariando-se assim a ideia pré-concebida

segundo a qual os homens não pretendem trabalhar nem autorizam o trabalho feminino” (MENDES; MAGANO; CANDEIAS, 2014, p. 108)⁴³.

Todavia, nos entremeios dessa conclusão, muitos discursos obtidos no levantamento realizado por Mendes, Magano e Candeias (2014) atribuem aos estereótipos, às vezes, uma característica positiva em relação ao trabalho, enquanto outros discursos atribuem, ao mesmo, características negativas. Tal positividade ou negatividade nas afirmativas são dependentes, diretamente também, dos níveis de vínculos sociais no exercício laboral, da escolaridade e das relações amistosas, ou não, entre ciganos e não ciganos. Ou seja, o grau de escolaridade dos entrevistados e o grau de proximidade nos vínculos estabelecidos entre os ciganos e não ciganos nas instituições pesquisadas podem ter contribuído para os discursos positivos ou negativos em relação ao trabalho.

Observamos essa influência, por exemplo, no discurso da coordenadora de um dos projetos de inserção profissional portugueses, pesquisados por Mendes, Magano e Candeias (2014, p. 109):

[...] isto é um dos preconceitos que nós, que a sociedade maioritária tem sobre os ciganos, é que não querem trabalhar, mas isto não é verdade porque os ciganos trabalham, trabalham. Não têm emprego mas trabalham imenso. Fartam-se de ir aos trabalhos sazonais, por exemplo as mulheres [...] sim, no campo. Por exemplo as mulheres ciganas raramente têm emprego, agora o trabalho que fornece uma mulher cigana ao longo da sua vida é uma coisa espantosa, mesmo, daquelas que vivem nas condições aqui no interior rural, não é, depois muitos deles vão à azeitona, muitos deles vão ao morango a Espanha, eles trabalham, não têm é emprego, trabalham imenso sim, e... epá e não conheço ninguém que tenha recusado uma oferta, as ofertas de trabalho são muito poucas, não é?

Isso se deve ao fato de que, em Portugal, muitos projetos de inserção profissional são desenvolvidos entre as milhares de comunidades ciganas lá existentes. Projetos esses que combinam valores culturais, escolaridade e abertura de oportunidades reais de emprego e renda, e que são quase inexistentes no Brasil. Aqui, alguns projetos têm foco mais acentuado nos processos de escolarização, como se a simples elevação da

43 Neste texto de Mendes, Magano e Candeias (2014), realizou-se uma pesquisa entre instituições e projetos que trabalhavam com ciganos. Foram entrevistadas profundamente 33 pessoas, entre diretores, coordenadores e técnicos, bem como mediadores ciganos e não ciganos.

escolaridade garantisse uma distribuição equânime de oportunidades de trabalho e renda para os ciganos brasileiros.

O fato é que a sazonalidade é um fenômeno social comum em determinadas épocas entre os não ciganos, o que pode refletir em maior ou menor grau nas inflexões econômicas, políticas e sociais de determinadas regiões do país (MARTINEZ, 1989, p. 43) como, por exemplo, os ciclos de migrações de nordestinos em direção aos grandes centros produtivos do Brasil.

De acordo com o estudo nacional sobre as comunidades ciganas de Portugal, também há discursos discordantes, que estão fundados principalmente pelos laços de desconfiança entre alguns técnicos não ciganos e a comunidade cigana de alguns *concelhos*⁴⁴.

É esquizofrênico o discurso deles. É esquizofrênico neste sentido: querem trabalho, mas arranja-se trabalho e eles não vão trabalhar. Portanto, por isso é que eu digo que é uma relação esquizofrênica com o trabalho. Porque eles todos, nunca ouvi nenhum a dizer que não quer, “arranje-me trabalho, arranje-me trabalho, eu quero trabalhar para ganhar dinheiro; eu sou uma pessoa honesta, arranje-me trabalho que eu vou trabalhar”. Depois arranja-se-lhe trabalho e eles não vão trabalhar, porque não respeitam, porque não cumprem horários, porque não cumprem regras. (Diretor de serviço, 40-44 anos) (MENDES; MAGANO; CANDEIAS, 2014, p. 129).

A relação dos ciganos com o trabalho pode parecer “esquizofrênica” para um não cigano, além da carga pejorativa e etnocêntrica⁴⁵ observada nessa adjetivação, por causa das representações sociais e identidades que são construídas coercitivamente sobre uma espécie de trabalho que foi forjado pelos imperativos do modo de produção capitalista⁴⁶ e que são causas de estranhamento cultural. Esse estranhamento cultural associado ao baixo entendimento do significado formal e real das categorias trabalho, emprego, trabalho formal, trabalho informal, trabalho intermitente, trabalho temporário, trabalho

44 Os *concelhos* portugueses equivalem relativamente aos municípios do Brasil.

45 Etnocentrismo é uma visão do mundo onde o nosso próprio grupo (endogrupo) é tomado como centro de tudo, e todos os outros (exogrupos) são pensados e sentidos através dos nossos valores, nossos modelos e nossas definições do que é a existência (ROCHA, 1988).

46 Um modo de produção pautado na jornada regular e constante de trabalho, no assalariamento mensal, na propriedade privada dos meios de produção, no condicionamento do corpo e do espírito ao ritmo da fábrica, na divisão sociotécnica do trabalho, na apropriação privada dos bens da produção socializada etc.

precarizado e trabalho segurado, pode ser a causa da maioria das narrativas que confundem ou moralizam negativamente a aparente desvantagem de trabalhar dos ciganos.

Neste caso, ainda sobre os ciganos portugueses, Mendes, Magano e Candeias (2014, p. 175) esclarecem:

[...] durante o trabalho de campo, que alguns dos inquiridos que se declaravam como desempregados, desempenhavam alguma atividade laboral, contudo, esta por ser de natureza informal (biscates, vendas, tarefas agrícolas) os inquiridos optaram por subvalorizá-la. Uma questão pertinente, remete também para as concepções sobre o que se entende por trabalho. Por exemplo, num campo de resposta aberta, um inquiridor anotou “nunca trabalhou, só como vendedor ambulante” o que nos remete para o não reconhecimento pelos próprios ciganos da venda ambulante como “trabalho”. O que resulta de uma interpretação do termo trabalho que o associa, exclusivamente a trabalho pago mediante salário, por conta de outrem, ignorando as situações de trabalho doméstico não pago ou serviço comunitário voluntário, por exemplo (SCOTT; MARSHALL, 2005, p. 188 e 703).

Para muitos ciganos, falar de trabalho não é a mesma coisa que falar de emprego, apesar de que em muitos discursos, uma coisa, muitas vezes, parece se referir à outra. O cigano trabalha, frequentemente, muito mais do que os não ciganos, principalmente porque tem que carregar consigo, além das dificuldades naturais de prover o sustento, como qualquer outro indivíduo, os impedimentos, barreiras e dificuldades impostas por sua condição de pária, de sociedade tradicional, da falta de direitos legalmente reconhecidos⁴⁷ e das condições desiguais a que são submetidos. Isso sem contar a carga pejorativa que acompanha a imagem negativa socialmente construída, que condiciona e até determina os limites do que lhes é oferecido como oportunidade de trabalho.

A indiferenciação entre trabalho e emprego parece se encurtar quanto mais a comunidade ou grupo de ciganos interage e compartilha de características culturais e materiais com os não ciganos, conforme o interacionismo de Barth (1969) nos possibilita pensar. Isso quer dizer que quanto mais vão se inserindo na vida corriqueira da sociedade

47 Como o direito a concorrer a vaga em universidades através de cotas raciais; o direito de um currículo escolar não excludente; o direito de oportunidades diferenciadas de emprego e renda; o direito ao saneamento básico nos acampamentos e serviços de saúde itinerante; o direito ao fornecimento de água e energia elétrica por tarifa social etc.

sedentária, mais vão conseguindo diferenciar e até melhor valorar cada esfera da vida profissional dos não ciganos.

Porém, mesmo não articulando o uso técnico dos termos que utilizamos, os ciganos sabem muito bem os resultados obtidos pelo exercício de cada um deles. O emprego quase sempre significa falta de liberdade, desgaste físico e mental: um desgaste físico em vão por trabalhar para outra pessoa.

Os fatores econômicos não são os mais relevantes na hora da escolha de uma atividade produtiva, já que os ciganos valorizam os aspectos qualitativos da atividade, se ela vai permitir tempo para a família, para as viagens, para a resolução de outras necessidades, tanto da pessoa quanto do núcleo familiar. Dessa maneira, esse discurso sobre os ciganos da Espanha parece se coadunar com o discurso sobre os ciganos de Santa Fé do Sul, em São Paulo, apresentado por Ferrari (2011, p. 731):

A aversão à ideia de submissão evidencia-se etnograficamente nas concepções calon de trabalho. Os Calon que conheci jamais se empregam. A ideia de se sujeitar a alguém, ainda mais um gadjo, com carga horária fixa, é completamente alheia ao modo de vida do homem e da mulher calon. Em Santa Fé do Sul, onde em 2001 vivia uma rede de parentes de cerca de 100 pessoas, morando em casas, uma velha calin usava a noção de “trabalho” para definir um “não calon”, em oposição à noção de “viagem”, que definia o calon. Eu perguntava sobre a genealogia dos ciganos da cidade, procurando saber quem havia se casado com não ciganos: “E fulano, é cigano?”, “Não. Fulano trabalha. Ele não viaja”. O que define um calon é como ele vive: se “trabalha”, não é calon. “Trabalhar”, nesse contexto, não tem o sentido de uma atividade

que envolve esforço físico e mental para obter um produto, significa especificamente um “emprego assalariado”, ocupando uma posição subordinada, submetida a um horário fixo.

Desta forma, para os ciganos dessas localidades, a atividade precisa conferir tempo ou disponibilidade para a vida comunitária, para os negócios políticos do grupo, para o tratamento de doenças, do corpo e do espírito, para o lazer, enfim, para a dignidade humana acima de tudo. Tanto os ciganos da Espanha quanto os ciganos de Santa Fé do Sul, em São Paulo, parecem preferir trabalhar por conta própria.

De modo similar, os ciganos de Portugal relatados por Casa-Nova (2003, p. 261), consideram fundamental “[...] a realização de trabalho independente, com ausência de chefias e autonomia de decisão [...] e a possibilidade de estruturação pessoal do tempo [...]”. Essa preferência também foi observada por Fazito (2000, p. 174) ao estudar a

relação dos processos de construção do Romanesthàn (Nação Cigana), através das práticas cotidianas e representações simbólicas dos ciganos com os movimentos do transnacionalismo. No discurso da calin⁴⁸ da cidade de Santa Fé do Sul, em São Paulo, o trabalho assalariado, e por isso, formal e proletário⁴⁹ é um fator de distinção que demarca as identidades de cada grupo, ciganos e não ciganos.

Outro discurso que se alinha com a preferência do trabalho por conta própria é o de Bonomo et al. (2010), sobre os ciganos do Espírito Santo, quando afirmam que: “[...] para os ciganos o trabalho é significado como uma espécie de contra-valor, e eles se orgulham de não trabalhar, de poder ter a liberdade de fazer suas trocas de forma independente e no tempo deles” (BONOMO et al., 2010, p. 165).

A falta do conhecimento da diferença entre trabalho e emprego, às vezes, também está inserida nos discursos dos não ciganos, pois quando se referem ao fato de os ciganos “não gostarem de trabalhar”, estão ligando os ciganos à ausência mesma do significado estrito da palavra. Desta forma, para esses discursos o cigano seria “preguiçoso”, uma vinculação adjetivada com a imagem estereotipada do cigano festeiro, dançarino e dado aos prazeres da vida, ligando-o à condição de vagabundo e malandro.

O imaginário brasileiro foi, durante muito tempo, espaço de formação de visões dualistas do mundo, principalmente durante a formação do mercado de trabalho interno. Para formar a imagem do trabalhador ideal, a figura de um homem ordeiro, moral, decente e, neste caso, trabalhador, precisava se contrapor ao seu antagônico, desordeiro, imoral, indecente e preguiçoso, ou seja, aquele que não queria trabalhar (submeter-se à rotina da fábrica). O problema reside, exatamente, nessa formação idealizada de uma imagem prototípica, que muitas vezes, senão todas, ditam os níveis de pressuposições sobre aqueles que não se enquadram nela.

Tomando como ilustração os ciganos Calon do sudeste do Brasil, Fazito (2000, p. 51) expõe uma generalização equivocada em seu discurso. Tal resultado pode ter ocorrido de uma observação localizada de determinados traços laborais de alguns grupos que ele tenha contado como universal, pois segundo ele:

48 Nome adotado entre os Calon para designar as mulheres calon.

49 É preciso considerar a existência do trabalho informal que também é assalariado e dentro de uma jornada fixa de trabalho.

[...] dizem trabalhar com qualquer coisa, mas a realidade é bem diferente. Em sua grande maioria, os Calon são extremamente pobres e destituídos de qualquer instrução ou educação formal. Normalmente desempregados fazem biscates ou pequenos empreendimentos como conserto de automóveis ou compra e venda de artigos usados.

Aparentemente, esse discurso de Fazito tem certo alinhamento com outro discurso, de Moonen (2011b, p. 21), sobre o comodismo e a falta de espírito de iniciativa de boa parte dos homens ciganos de Sousa, na Paraíba: “Naturalmente, os ciganos negam isto e fazem questão de dizer que são esforçados, trabalhadores [...]. O problema é apenas que não apresentam as provas disto”. Em outro momento, anterior a esse, Moonen (2011b, p. 20) expressa: “[...] também as mulheres afirmam que sabem fazer ‘muitas coisas’, como, por exemplo, crochê e renda. Só que não vi nenhuma mulher fazendo crochê ou renda”.

Os três discursos, assim, afirmam um descompasso entre o que é dito pelos ciganos e a realidade cotidiana observada por eles. Mas essas afirmações também apresentam um problema de pesquisa: o que não foi visto, percebido ou provado por um pesquisador validam a afirmação da não existência de determinado fenômeno? O universo de pesquisa entre os ciganos é bem complexo e envolve múltiplas determinações⁵⁰ e, por isso, nem sempre podemos afirmar algo baseado apenas naquilo que os pesquisados não puderam ou não quiseram mostrar.

Sem entrar no mérito da questão, alguns discursos podem entrar em desalinho com as inteligências múltiplas de Howard Gardner⁵¹ (1994), ou seja, eu não posso afirmar que um indivíduo que conserta um instrumento tão complexo, como são os automóveis, não é uma pessoa altamente habilidosa e apta para preencher determinadas vagas de emprego. Assim, a referência aos “normalmente desempregados” enseja mais a ausência ou diminuta quantidade de postos de trabalho disponíveis para os ciganos do que a disposição destes em trabalhar.

50 Sociais, psicológicas, econômicas, culturais etc.

51 O psicólogo Howard Gardner (1994) desenvolveu estudos teóricos na década de 1980, sobre a inteligência humana. Ele descobriu a existência de múltiplas inteligências a qual uma pessoa pode desenvolver. As inteligências múltiplas podem ser: Lógico-matemática, Linguística, Musical, Espacial, Corporal-cinestésica, Intrapessoal, Interpessoal, Naturalista, Existencial. A relação das inteligências múltiplas foi ampliada pelo Phd Daniel Goleman, e, no Brasil, por Celso Antunes, que acrescentaram a inteligência emocional.

Essas características dos ciganos Calon do sudeste do Brasil, descritas por Fazito (2000, p. 51), diferem muito de outros grupos Calon, como os de Limoeiro do Norte/CE, pois lá: “[...] os homens trabalham em firmas localizadas no próprio município de Limoeiro do Norte; as mulheres cuidam da casa, dos filhos e algumas colocam o baralho para as pessoas do bairro e de lugares vizinhos” (SILVA, 2009, p. 89).

Outro discurso na mesma linha deste acima é de uma cigana da região central de Minas Gerais, que, além de cabeleireira e dona de seu próprio salão, ainda trabalha como representante autônoma de uma distribuidora de cosméticos: “Meu pai, mesmo doente, ele levantava às 5 horas da manhã e ia trabalhar”, diz a jovem cigana (VILAR, 2012, p. 148).

A falta de estudos mais precisos sobre a questão do trabalho dos ciganos no Brasil deixa lacunas que precisam ser cuidadosamente preenchidas, para não se cair na falácia de afirmar inverdades. O que não ocorre, propriamente, com os Calon da Espanha, pois lá os níveis de participação dos ciganos nas atividades econômicas em geral são mais elevados do que os dos não ciganos.

Por exemplo, indicadores sociais mostram que quando a idade de referência dos cálculos é reduzida para 16 anos a taxa de ocupação entre os ciganos é de 62,9%, e entre os não ciganos 62,7% (RUBIO; FERNÁNDEZ, 2011, p. 37). Apesar da falta de empregos e discriminação corrente, o cigano Calon da Espanha tem trabalhado mais do que o não cigano. O que não representa que a presença dos ciganos no mercado de trabalho da Espanha tenha as mesmas características e condições do restante da população espanhola. Desta forma:

Os estudos disponíveis já nos mostraram uma população que desenvolve um volume significativo de atividade econômica, cujas vidas estão relacionadas ao mundo do trabalho em maior proporção do que no resto da sociedade, e com taxas de atividade significativamente acima do conjunto da população (RUBIO; FERNÁNDEZ, 2011, p. 35).

Essa divergência entre as evidências empíricas mostra que não se pode fazer generalizações, pois o conjunto histórico-social das conjunturas políticas, econômicas e culturais são determinantes de variações sutis, ou não, das formas de socialização laboral dos ciganos.

Os pesquisadores espanhóis Hernández, Garcia e Martinez (1996) trazem uma formidável descrição dessa relação entre trabalho formal e atividades comerciais entre os ciganos Calon daquela localidade, na segunda metade do século XX.

Durante os anos sessenta e início dos anos setenta, muitos ciganos passaram a ocupar postos de trabalho na indústria, na construção e no setor de serviços, com a mudança econômica e psicológica que essa nova situação significou para eles e suas famílias. De qualquer forma, a maioria dos ciganos não puderam ou não quiseram entrar nesse tipo de emprego assalariado, mantendo-se numa economia marginal (sucata, papelão, shows, etc.), que embora não desse segurança, sim. em muitos casos, forneceu o mesmo ou maior benefício econômico (devemos ter em mente que os postos dados aos ciganos eram geralmente os mais baixos), enquanto eles ainda podiam manter sua liberdade (eles não estavam sob as ordens de um "payo"), seu tempo de trabalho era distribuído (por exemplo, eles podem deixar o trabalho por uma semana para participar de um casamento em outra parte da Espanha, ou passar o Natal), permitia uma exploração familiar do trabalho, com a participação de vários membros da família, etc. Os ciganos, como afirma Teresa San Román, preferem ficar à margem, ocupando empregos "marginais", quando o que a sociedade lhes oferece é menor do que o que recebem com esse tipo de ocupação. Nesse sentido, deve-se levar em conta que a maioria dos ciganos, ao escolher entre dois empregos, não apenas valorizam unicamente a quantidade econômica percebida, mas dá grande importância a outros aspectos qualitativos, como os indicados (HERNÁNDEZ; GARCÍA; MARTÍNEZ, 1996, p. 92).

Grande parte dos ciganos Calon do Brasil, principalmente do nordeste brasileiro, parecem, com suas relativas diferenças, seguir um mesmo padrão de inserção nas atividades laborais. Entretanto, é necessário levar em consideração tanto as diferenças gritantes de ofertas de trabalho entre as médias e as pequenas cidades do interior – em que os ciganos se encontram em maior quantidade –, nas quais tal oferta é quase inexistente, como as diferenças internas de cada grupo.

As narrativas sobre o trabalho aqui expostas, e muitas outras não incluídas, mostram que estão revestidas com incompreensões dos limites efetivos de cada conceito. A falta de compreensão dos conceitos faz com que os discursos não deixem claro qual é a forma de trabalho a que estão se referindo, se ao trabalho ou ao emprego.

Os discursos podem se mesclar com a carga estereotipada negativa construída socialmente na relação dos ciganos com os não ciganos, dos quais os primeiros sempre ficavam em desvantagem frente aos poderes dominantes, nas sociedades em que transitavam. No entanto, sobre os ciganos espanhóis:

De uma forma geral, os ciganos não encaram o trabalho como um objectivo idealizado de vida, mas como um meio de sobrevivência quotidiano, preferindo assim actividades profissionais que estejam mais de acordo com as suas formas de vida e a sua cultura, particularmente no que diz respeito aos horários, formas de contratação (sem vínculos contratuais com terceiros), mobilidade, atenção à família e à divisão de tarefas, rentabilidade imediata, entre outras (FSG, 2007, p. 15).

O que não quer dizer que os ciganos não estejam abertos a várias formas contratuais de trabalho formal, principalmente no século XXI, que é o século do trabalho flexibilizado, e no qual as estruturas fixas e hierarquias verticais se desmancham, dando lugar a horários flexíveis, direitos sociais flexíveis, e rotina de trabalho também flexível. Assim, o paradigma do trabalho no século XXI pode estar se abrindo para formas menos rígidas de trabalho formal, mesmo que esteja concomitantemente flexibilizando também os níveis qualitativos do emprego e da segurança social contra os riscos do trabalho: o trabalho desprotegido.

Devemos considerar que os discursos não são expressos apenas em palavras ou imagens, pois eles também podem se apresentar através de expressões corporais ou formas de se portar diante do outro. Para Fazito (2000, p. 58):

Por exemplo, quando um kalderash se defronta com um gadjo, ele assume características específicas como a entonação da voz, escolha cuidadosa do vocabulário e expressões corporais que denotam sua preocupação em mostrar que o cigano é trabalhador, honesto, e comedido [...].

Apesar de poder representar apenas um reflexo inconsciente frente ao desejo de se contrapor aos estereótipos imagéticos negativos dos não ciganos, tal comportamento reforça o discurso do cigano ordeiro e condizente com as expectativas de uma sociedade homogeneizada. Para esse tipo de discurso, o cigano se sobressai de sua condição inferiorizada quando se torna “igual” aos indivíduos da sociedade do trabalho alienado, desta forma objetivado e assujeitado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração todas as diferenças de opinião existentes entre ciganos e não ciganos, e entre os próprios “Calon”, o nosso pensamento reflexivo transitou entre

países culturalmente diferentes, procurando apenas focalizar e extrair dos discursos de diferentes atores sociais ciganos e não ciganos algo de similar, homólogo ou até mesmo contraditório, respeitando, logicamente, as linhas demarcatórias na mobilidade de suas fronteiras.

Esse exercício de comparação nos permitiu perceber o quanto os discursos tanto de ciganos como de não ciganos estão carregados de estereótipos e estigmas historicamente fomentados, e como essa carga ideológica e psicológica afeta as relações de trabalho e emprego na contemporaneidade, geralmente em detrimento dos ciganos.

Essa carga de estereótipos e estigmas obnubilam o entendimento e o conhecimento daquilo que diferencia trabalho de emprego, principalmente se tal diferença se acentua entre formalidade e informalidade, fazendo com que ambos, ciganos e não ciganos, pareçam relatar fatos e categorias diferentes que, em dados momentos, realmente são.

Em suma, mesmo que os não ciganos não percebam, os ciganos trabalham bastante, tanto em atividades informais quanto com “carteira assinada”. E, mesmo que em certos momentos ou circunstâncias tenham assimilado o discurso falacioso do emprego formal como única opção dignificante da condição humana, conservaram o senso de dignidade que permeia o sentimento de coletividade e de família. Da mesma forma que mantiveram o discernimento de que, para se obter uma vida digna, as condições estão postas muito além do que só o exercício de uma atividade laboral. Isto porque a interação com culturas distintas da sua permitiu a flexibilização de suas fronteiras culturais como um processo de mobilidade na produção e reprodução de sua identidade étnica. Processo esse que se baseia na atribuição e autoatribuição de elementos culturais selecionados e que se intensifica pelas interações sociais com as comunidades locais.

No exercício de comparação que realizamos entre os discursos e nas associações realizadas entre as narrativas, tentamos apreender em quais momentos os conceitos de trabalho e emprego se imbricavam entre si e, simultaneamente, se os discursos atribuíam características positivas ou negativas às questões que se relacionavam com a produção e reprodução material contemporânea dos grupos ciganos sob os imperativos do modo de produção capitalista e o trabalho alienado.

Tentando contribuir para o debate acerca da formação de um discurso do trabalho que privilegie a etnicidade dos ciganos Calon do Brasil, percebemos que em muitos discursos dos não ciganos havia um fluxo de generalizações que estavam embasadas mais em estereótipos pejorativamente construídos do que em um conhecimento gerado pelo convívio real e amplo com alguma comunidade cigana na atualidade.

Desmistificando a relação dos ciganos com o trabalho e contrariando os estereótipos negativos que colocam os ciganos como avessos ao trabalho, muitos dos discursos dos ciganos exprimem, mesmo não articulando muito bem o uso técnico dos termos “trabalho” e “emprego”, uma valorização das atividades produtivas e condições de trabalho que permitam, concomitantemente, tempo disponível para as atividades de lazer, entretenimento e solidariedade familiar. Assim, refletem uma valorização que se representa nas diversas formas de exercer algum trabalho. Em outras palavras, uma relativa não propensão a certo tipo de trabalho alienado não descredita sua capacidade nem sua vontade de trabalhar em diversos outros ramos, áreas ou modalidades de trabalho.

O que não se pode descartar é a realidade encontrada na maioria das pequenas cidades em que muitos ciganos convivem com a escassez de qualquer tipo de posto de trabalho, seja ele formal ou informal.

Em suma, os motivos que induzem à existência de um certo hiato de acesso de alguns grupos ciganos ao trabalho formal, nos padrões do modo de produção capitalista, se relacionam, entre outros, com a ausência de postos de trabalho nas pequenas cidades, com a carga pejorativa dos estereótipos que os não ciganos impõem aos ciganos, com a sazonalidade de algumas vagas disponíveis, e com o alto nível de exigência e tempo de trabalho gasto numa jornada laboral. A jornada de trabalho fixa e extensa subtrai o tempo para a família, para as viagens, para a resolução de outras necessidades, tanto da pessoa quanto do núcleo familiar, reduzindo assim os atrativos para este tipo de trabalho.

Por fim, o fato de algumas das narrativas sobre o “trabalho”, por parte dos ciganos e dos não ciganos, nos relatos etnográficos e textos consultados terem surgido exatamente quando o enredo das conversas girava em torno de questões sobre nomadismo, identidade, cultura, família, hábitos, lazer, educação, preconceito, violência, vida presente e tempo

de atrás, demonstram o estreito vínculo e importância do trabalho/emprego para os ciganos nos diversos âmbitos de sua vida social.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA. Convenção para a grafia de nomes tribais. **Revista de Antropologia**, São Paulo, n. 2, v. 2, p. 150-152, 1954.

ALMEIDA, Manuel Antônio de. **Memórias de um sargento de milícias**. Brasília: Câmara dos Deputados/Edições Câmara, 2011.

BAREICHA, Luciana Câmara Fernandes. **Educação e exclusão social: educação perspectiva dos ciganos e dos não-ciganos**. 2013. 400 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade de Brasília. Faculdade de Educação, Brasília, 2013.

BARTH, Fredrik. (Org). **Grupos étnicos e suas fronteiras: a organização da cultura das diferenças culturais**. Boston: Little Brow & Co, 1969.

BONOMO, Mariana; SOUZA, Lídio de; BRASIL, Júlia Alves; LIVRAMENTO, André Mota do; CANAL, Fabiana Davel. Gadjés em tendas Calons: um estudo exploratório com grupos ciganos semi-nômades em território capixaba. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del-Rei, v. 4, n. 2, jul. 2010.

BORGES, Isabel Cristina Medeiros Mattos. **Cidades de portas fechadas: a intolerância contra os ciganos na organização urbana na primeira república**. 128 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal De Juiz De Fora, Juiz de Fora, 2007.

BRASIL. Secretaria Especial dos Direitos Humanos (SEDH). **Povo Cigano – o direito em suas mãos – Brasília: SEDH, 2007**. Disponível em: <<http://static.paraiba.pb.gov.br/2016/05/cartilha-ciganos.pdf>>. Acesso em: 02 nov. 2018.

_____. Ministério da Saúde. **Subsídios para o Cuidado à Saúde do Povo Cigano**. Brasília: Ministério da Saúde, 2016. 44 p.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. **Londres e paris no século XIX: o espetáculo da pobreza**. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Coleção tudo é história, n. 52).

CASA-NOVA, Maria José. Ciganos, escola e mercado de trabalho. **Revista Galego-Portuguesa de Psicología e Educación**, Corunha, n. 8, v. 10, p. 252-268, 2003.

DANTAS, José Aclecio. **Dissimetria entre o hábito cigano do mercado e o trabalho formalizado: encontros e desencontros**. 255 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Programa de Pós-Graduação em Serviço social, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

ENGELS, Friederich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. Tradução de Analia C. Torres. Porto: Afrontamentos, 1975.

_____. Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem, pp. 61-74. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Textos**. Volume 1. São Paulo: Edições Sociais, 1977.

FAZITO, Dimitri de Almeida Rezende. **Transnacionalismo e etnicidade: a construção simbólica do Romanesthàn (Nação Cigana)**. 189 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Departamento de Sociologia e Antropologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

FERRARI, Florencia. Figura e fundo no pensamento cigano contra o Estado. **Revista de antropologia**, São Paulo, v. 54 n. 2, p. 715-745, 2011.

FRASER, Angus. **The Gypsies**. Oxford: Blackwell Publishers, 1992.

FSG - Fundación Secretariado Gitano. **Guia para a Intervenção com a Comunidade Cigana nos Serviços de Saúde**. Madrid, 2007.

GARCÍA Humberto; ADROHER, Salomé; BLANCO, María Rosa. **Minorías étnicas**. Gitanos e inmigrantes. Madrid: Editorial CCS, 1996. 196 p.

GARDNER, Howard. **Estruturas da mente: a Teoria das Múltiplas Inteligências**. Porto Alegre: Artes Médicas, c1994[1983].

GASPAR, Lúcia. **Ciganos no Brasil**. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife, 2012. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=914:ciganos-no-brasil&catid=38:letra-c>. Acesso em: 02 dez. 2018.

GASPARET, Murialdo. **O rosto de Deus na cultura milenar dos ciganos**. São Paulo: Paulinas, 1999.

GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes. **O “tempo de atrás”**: um estudo da construção da identidade cigana em Sousa – PB. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2004.

_____. **Memória e Etnicidade entre os Ciganos Calon em Sousa-PB**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2013. (Coleção Humanidades).

GRAMSCI, Antonio. Americanismo y fordismo. In: _____. **Cuadernos de la Cárcel**. Tomo 6. Traducción de Ana María Palos México: Ediciones Era, 2001. Disponível em: <<https://yadi.sk/i/Xou79XQeuf6j>>. Acesso em: 15 out. 2018.

HERNÁNDEZ, José Cabanes; GARCÍA, Luz Vera; MARTÍNEZ, María Isabel Bertomeu. Gitanos: historia de una migración. **Alternativas. Cuadernos de Trabajo Social**, Alicante, n. 4, p. 87-97 oct. 1996.

HOUAISS, Antonio. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva. Versão 1.0. 1 [CD-ROM]. 2001.

KOWARICK, Lúcio. **Trabalho e vadiagem**: a origem do trabalho livre no Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

LESSA, Sérgio. **Mundo dos homens**: trabalho e ser social. 3. ed. rev. cor. São Paulo: Instituto Lukács, 2012.

MARTINEZ, Nicole. **Os ciganos**. Tradução de Josette Gian. Campinas: Papyrus, 1989.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Tradução de Jesus Ranieri. São Paulo: Editorial Boitempo, 2004[1844].

_____. **O Capital**: crítica da economia política. Livro I: o processo de produção do capital. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MEDEIROS, Jéssica Cunha de. Em busca de uma sombra: articulando nomadismo e territorialidade a partir das narrativas de uma Calon de Sousa (PB). In: **Reunião Brasileira de Antropologia**. Políticas da Antropologia: Ética, Diversidade e Conflitos, 30 João Pessoa, 2016. Disponível em:

<<http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/30rba/index.php?id=23>>. Acesso em: 21 agos. 2018.

MELLO, Frederico Pernambucano de. **Guerreiros do sol**: violência e banditismo no nordeste do Brasil. São Paulo: A Girafa Editora, 2004.

MELLO, Marcos Antonio da Silva; SOUZA, Miriam Alves de. Meirinhos Aristocráticos. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional / Sociedade de Amigos da Biblioteca Nacional SABIN, ano 2, n. 14, p. 29-32, nov. 2006.

_____ et al. Os Ciganos do Catumbi: de “andadores do Rei” e comerciantes de escravos a oficiais de justiça na cidade do Rio de Janeiro. **Cidades, Comunidades e Territórios**, n. 18. Lisboa: CET-ISCTE, Jun./2009, pp 79-92.

MELO, Fábio José Dantas de. **O Romani dos Calon da região de Mambaí**: uma língua obsolescente. 141 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília, Brasília, 2005.

MELO, Erisvelton Sávio Silva de. **Sou cigano sim! Identidade e representação**: uma etnografia sobre os ciganos na região Metropolitana do Recife-PE. 142 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco. Recife: 2008.

MENDES, Maria Manuela; MAGANO, Olga; CANDEIAS, Pedro. **Estudo nacional sobre as comunidades ciganas**: Observatório das comunidades ciganas. Lisboa: ACM, I.P. / Alto Comissariado para as Migrações (ACM, IP), 2014. Disponível em: <www.poatfse.qren.pt/upload/docs/Documentos/estudo_ennic.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2017.

MOONEN, Frans. **Anticiganismo**: os ciganos na Europa e no Brasil. 3 ed. digital revista e atualizada. Recife: DHnet, 2011. 228 p. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/sos/ciganos/a_pdf/1_fmanticiganismo2011.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2018.

_____. **Ciganos Calon no sertão da Paraíba**: 1993-2011. Recife: DHnet, 2011b. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/sos/ciganos/a_pdf/1_fmfciganossousa2011.pdf>. Acesso em: 14 out. 2018.

_____. **Anticiganismo e políticas ciganas, na Europa e no Brasil**. Edição revista e aumentada. Recife: AMSK, 2013. Disponível em: <http://www.amsk.org.br/imagem/pdf/FMO_2013_AnticiganismoEuropaBrasil.pdf>. Acesso em: 28 agos. 2018.

MORAES FILHO, Mello. **Os ciganos no Brasil**: contribuição ethnographica. Rio de Janeiro: B. L. Ganier, 1886. 203 p. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/224212>> Acesso em: 09 out. 2018.

NETTO, José Paulo. Crise do capital e consequências societárias. **Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, n. 111, p. 413-429, set. 2012.

PABANÓ, Félix Manzano. **Historia y costumbres de los gitanos**. Colección de cuentos viejos y nuevos, dichos y timos graciosos, maldiciones y refranes netamente gitanos. Diccionario español-gitano-germanesco. Dialecto de los gitanos. Ed. ilustrada. Barcelona: Montaner y Simón Editores, 1915. Disponível em: <<https://archive.org/details/historiaycostumb00pabauoft/page/n7>>. Acesso em: 10 jan. 2017.

PELLEGRINI, Luis. O povo andarilho. **Planeta**, São Paulo, 15 jul. 2015. Comportamento. Disponível em: <<https://www.revistaplaneta.com.br/o-povo-andarilho/>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

PEREIRA, Cristina da Costa. **Os ciganos ainda estão na estrada**. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

PERIPOLLI, Gláucia Casagrande. **As raízes das flores**: uma etnografia de mulheres ciganas em Pelotas, RS. 164 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2013.

PERNOUD, Régine. **As origens da burguesia**. 2 ed. rev. atual. Lisboa: Publicações Europa-America, 1969.

PRADO JUNIOR, Caio. **História Econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

RABELO, Carina. Os ciganos modernos. **ISTOÉ**, São Paulo, n. 2015, 18 jun. 2008. Comportamento. Disponível em: <https://istoe.com.br/5055_OS+CIGANOS+MODERNOS/>. Acesso em: 09 out. 2018.

RAMANUSH, Nicolas. **Cultura cigana, nossa história por nós**. Parte II. 2012. Disponível em: <www.embaixadacigana.com.br>. Acesso em: 12 mai. 2016.

REDAÇÃO. Universidade da Bahia cria cota para transgêneros, travestis e ciganos. **Veja**, São Paulo, 25 jul. 2018. Brasil. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/brasil/universidade-da-bahia-cria-cota-para-transgeneros-travestis-e-ciganos/>>. Acesso em: 18 out. 2018.

ROCHA, Everardo Pereira Guimarães. **O que é etnocentrismo**. 5 ed. São Paulo: brasiliense, 1988.

ROMANI, Danielle. Europa: eterna sensação de ser “intruso”. **O Correio da Unesco**, Rio de Janeiro, ano 12, dez. 1984.

RUBIO, Belén Sánchez; FERNÁNDEZ, Aranzazu. La situación laboral de la población gitana: conocimiento y reconocimiento. In: LAPARRA, Miguel. (Coord.) **Diagnóstico social de la comunidad gitana en España: un análisis contrastado de la Encuesta del CIS a hogares de población Gitana 2007**. Madrid: Ministerio De Sanidad, Política Social e Igualdad, p. 35-72, 2011. Disponível em:

<https://www.msssi.gob.es/ssi/familiasInfancia/inclusionSocial/poblacionGitana/docs/diagnosticosocial_autores.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2017.

SANDRONI, Paulo (Org). **Novíssimo dicionário de economia**. São Paulo: Best Seller, 1999.

SILVA, Lailson Ferreira da. A descendência do Cigano Cem: construção e afirmação étnica dos ciganos da cidade Alta (Limoeiro do Norte/CE). **Revista Eletrônica Inter-Legere**, Natal, n. 4, ano 2, p. 87-92, 2009.

_____. **Aqui, todo mundo é da mesma família: parentesco e relações étnicas entre os ciganos na Cidade Alta, Limoeiro do Norte/CE**. 116 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

SILVA JÚNIOR, Aluízio de Azevedo. **A liberdade na aprendizagem ambiental cigana dos mitos e ritos Kalon**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2009. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp100264.pdf>>. Acesso em: 08 set. 2018.

SILVA SANCHEZ, Valéria. **Devir Cigano: Encontro cigano-não cigano (rom–gadje) como elemento facilitador do processo de individuação**. 206 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp008824.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2018.

SIQUEIRA, Robson de Araújo. **Os Calon do município de Sousa-PB: dinâmicas ciganas e transformações culturais**. 2012. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012. 172 f.

TEIXEIRA, Rodrigo Corrêa. **História dos ciganos no Brasil**. Recife: Núcleo de Estudos Ciganos, 2008. 127 p. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/sos/ciganos/a_pdf/rct_historiaciganosbrasil2008.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2017.

TOMKA, Miklos. De artesãos a vítimas da sociedade industrial. **O Correio da Unesco**, Rio de Janeiro, ano 12, dez. 1984.

VAUX DE FOLETIER, François de. O mundo como pátria. **O Correio da Unesco**, Rio de Janeiro, ano 12, dez. 1984.

VILAR, Márcio da Cunha. Para o lado de cá do espelho: morte, sentimento e pessoa através de um retrato de uma cigana brasileira. **RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, João Pessoa, v. 11, n. 31, p. 126-163, abr. 2012.

Recebido em: 27/04/2018

Aceito para publicação em: 22/10/2018